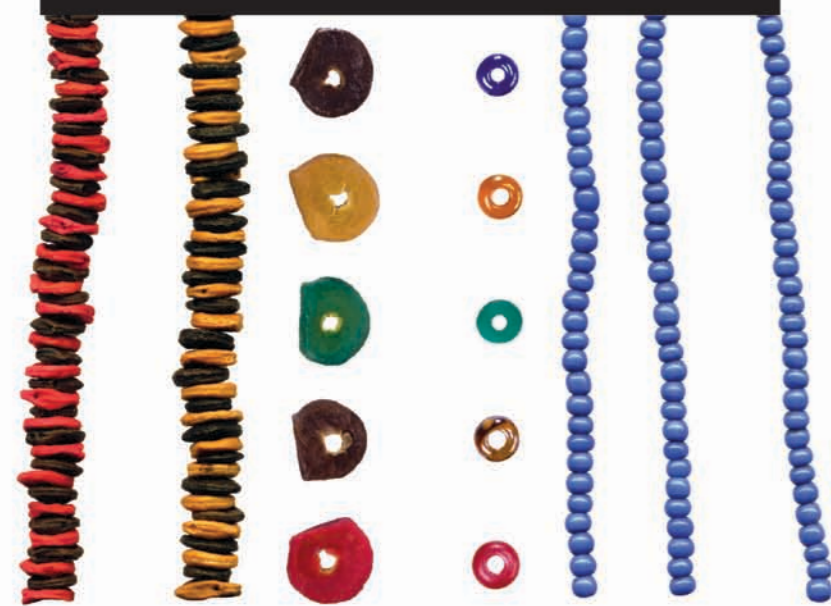


arte com sementes e miçangas
VESTIR, ENFEITAR E MOLDAR O CORPO



MULHERES TIRIYÓ E KAXUYANA



Tiriyó e Kaxuyana

QUEM SÃO?

Tiriyó e Kaxuyana são os nomes pelos quais a população indígena que hoje vive na faixa oeste do Parque Indígena Tumucumaque, no Pará, tornou-se mais conhecida ao longo do último século. Em suas próprias línguas, ambas de origem Caribe, os Tiriyó autodenominam-se: *Tarëno*, e os Kaxuyana: *Purehno*.

Até 1960, os Tiriyó e Kaxuyana viviam em mais de 50 aldeias dispersas por uma ampla faixa de território, ao norte do Pará, entre os rios Trombetas, Paru de Oeste e Paru de Leste, estendendo-se ao sul do Suriname, entre os rios Sipaliweni, Tapanahoni e Paloemeu.

No início dos anos 60 estes grupos foram contactados por missionários em ambos os lados da fronteira e viveram por três décadas, basicamente centralizados em torno de três aldeias base: Missão Tiriyó, no Brasil; Têpu e Kuamara, no Suriname.

A partir de 1980, e até os dias atuais, o antigo padrão de moradia em aldeias pequenas e com alta mobilidade vem sendo retomado. Atualmente os Tiriyó e Kaxuyana se encontram novamente dispersos por mais de 50 aldeias situadas dentro e fora do Parque Indígena de Tumucumaque. No Brasil, sua população gira em torno de 1.200 pessoas.



As artesãs

SUA VIDA E SUA ARTE

Em seu cotidiano, as mulheres Tiriyó e Kaxuyana são atuantes, seguras e autônomas. Ao lado de seus maridos, conduzem assuntos políticos e familiares em igualdade de condições, além de educarem seus filhos e netos e serem possuidoras de uma energia social riquíssima para o trabalho doméstico e artesanal que praticam cotidianamente.



A tecelagem com sementes e miçangas é uma atividade feminina constante. Das mais jovens às mais idosas, com extrema habilidade, elas coletam, tingem e furam sementes, fiam algodão e confeccionam colares, pulseiras, tangas femininas, cinturões masculinos e toda uma variedade de peças e acessórios para uso próprio e para venda.



A miçanga e o maramara

ORIGENS, PREPARO E TECELAGEM

Ao contrário do que se poderia imaginar, o conhecimento em torno do artesanato com sementes de maramara, bem como sua prática não é anterior, mas posterior à tecelagem com miçangas.

Antigamente os nossos antepassados só usavam tanga de algodão. Aí chegaram os Mekoro (negros refugiados da Guiana Holandesa no Séc. XIX). Eles traziam miçangas e pano vermelho em troca de cachorros. As mulheres começaram a fazer keweyu (saia de miçanga) e continuam fazendo até agora. Nós não queremos deixar mais a miçanga que os Mekoro trouxeram. Assim é que começou o uso da miçanga entre nós.

O maramara começou há pouco tempo. Foram os Wayana que nos ensinaram a usar a semente de maramara no lugar da miçanga. (Paponehpê Tiriyó - aldeia Yawa)



Padrões decorativos

IMENU E IKUHTU

O repertório de padrões decorativos das peças tecidas com sementes e miçangas é variado, amplo e sempre aberto a novos temas e composições. Os Tiriyó distinguem dois tipos de padrões: *imenu* e *ikuhtu*.



Imenu diz respeito a padrões gráficos compostos por linhas, traços e pontilhados que se aplicam sobre os mais variados suportes que vão do corpo aos artefatos, como bancos, trançados e adornos de sementes e miçangas usados no dia-a-dia ou em rituais e ocasiões especiais.

Ikuhtu diz respeito aos desenhos que reproduzem a imagem de alguém ou de algo, como uma pessoa, animal ou objeto. São desenhos figurativos utilizados em colares, cintos e pulseiras, tanto de sementes quanto de miçangas.



Projeto Artesãos do maramara

VALORIZANDO O CONHECIMENTO DA ARTE FEMININA COM SEMENTES E MIÇANGAS

Programa Nacional do Patrimônio Imaterial - IPHAN/MinC Edital PNPI-2005

Coordenação antropológica

Denise Fajardo Grupioni

Instrutoras

Diakuí Sora Tiriyo

Cristiane Mitore Tiriyo Kaxuyana

Exposição



MULHERES TIRIYO E KAXUYANA

Curadoria, textos e fotos

Denise Fajardo Grupioni

Luís Donisete Benzi Grupioni

Projeto Gráfico

Renata Alves de Souza

Realização

lepé - Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena

Apoio

Departamento do Patrimônio Imaterial/IPHAN
Departamento de Museus e Centros Culturais/IPHAN

Museu do Índio/FUNAI

Coordenação Geral de Educação/FUNAI

Petrobras Cultural

Norad

Colaboração

AER FUNAI/Macapá

Missão Franciscana Tiriyo

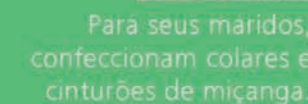
DTCEA Tiriyo/FAB

Casa de Saúde do Índio - Macapá/FUNASA

Uso tradicional

MASCULINO, FEMININO E INFANTIL

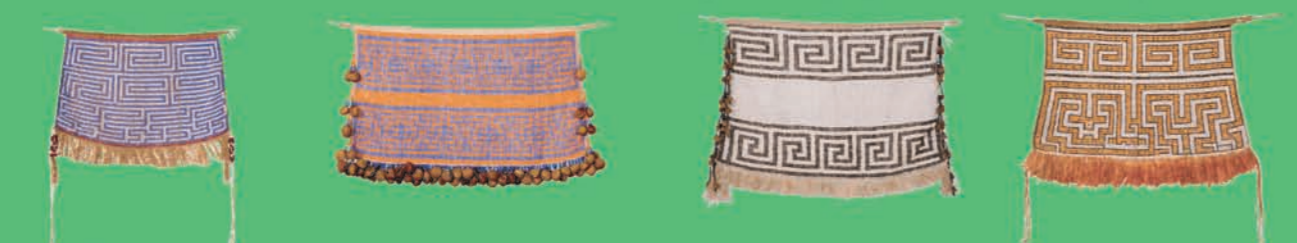
As mulheres tiriyo e kaxuyana contam com um vasto repertório de técnicas, padrões, cores e modelos. Com esta arte, moldam os corpos de seus filhos, vestem-se para o dia-a-dia e enfeitam a si e a seus maridos para festas e rituais.



Para seus maridos, confeccionam colares e cinturões de miçanga.



Para si próprias tecem tangas de miçanga que usam para dançar em festas.

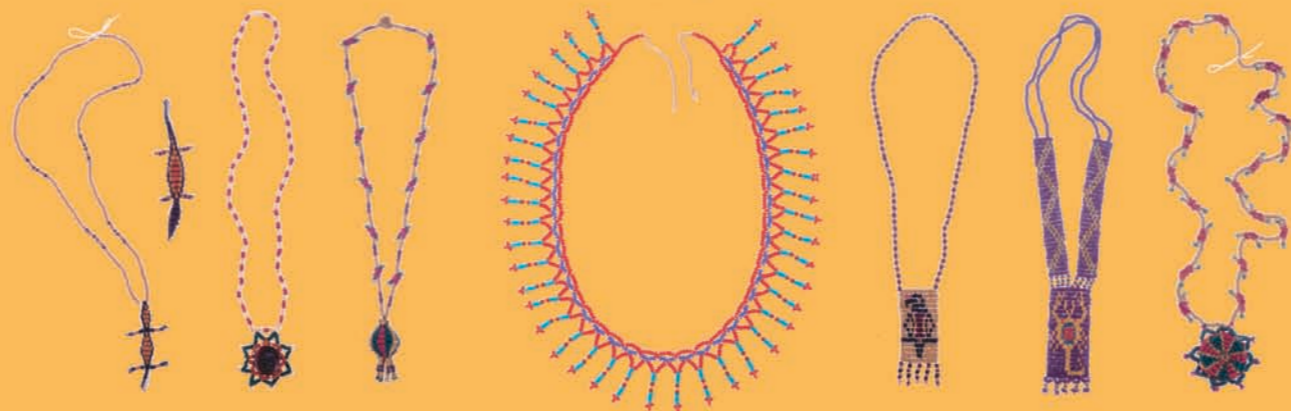


Para seus filhos, fazem cordões e braceletes de miçanga que, amarrados às pernas, cintura e braços das crianças, enfeitam e moldam seus corpos, conforme o gosto estético dos Tarêno.

Artesanato

MIÇANGAS E SEMENTES

A tecelagem com algodão, sementes e miçangas é uma arte que se refaz constantemente. A busca de novos estilos, usos, repertórios e sentidos envolve gerações de mulheres, garantindo a continuidade dessa prática ao longo dos anos.



Mesmo com o predomínio do uso de roupas industrializadas, as mulheres tiriyo e kaxuyana não perderam o prazer nem a vontade de continuar confeccionando peças tradicionais e peças novas para atender tanto ao uso próprio, quanto às novas demandas de consumo, tais como aquelas provenientes do mercado externo do artesanato e acessórios de moda.



Patrimônio imaterial

O QUE É? POR QUE TRANSMITIR?

A preservação de patrimônios culturais que são visíveis e que podemos tocar, tais como objetos, construções e lugares históricos, é uma preocupação bastante antiga no mundo inteiro. Porém, o que dizer de todas as formas de expressão, que envolvem saberes, conhecimentos, jeitos de fazer, de pensar e de dizer próprios de cada povo, que não se encontram materializados em nenhum objeto? Isto é o que chamamos de Patrimônio Cultural Imaterial.



Aí está a miçanga que nós chamamos de samura. Está certo que é o branco que fabrica, mas a miçanga só é material lá na loja. Quando ela chega na mão do Índio, ela já vai se transformando em patrimônio. Ela vai se transformar em patrimônio material? Não, em patrimônio imaterial também. Automaticamente vai se transformando. Pelo nosso conhecimento, que é invisível. O nosso pensar, o nosso conhecer, está todo gravado na nossa cabeça.



Então, na medida em que a mulher vai trabalhando, enfiando a miçanga, ela já está transformando a miçanga em imaterial, ela está enfiando o conhecimento dela dentro da miçanga. Invisivelmente, o jeito de fazer cinto, o jeito de tecer tanga está dentro do fio, junto com o fio, não perdeu nada, nadinha.

O Tarêno gosta de incorporar do outro aquilo que lhe é atrativo ou útil. E é assim que a cultura dos Tarêno, que é a dos Tiriyo, foi sendo construída ao longo de muitas gerações, e está sendo repassada até hoje. Passar é isso, passar o patrimônio imaterial, que nós chamamos entu, que quer dizer fonte. Se não tiver a fonte, podem existir as coisas, mas não tem mais como fazer, não tem como a gente dar a direção, ou dar início. (João Asiweho Tiriyo, Macapá, nov. 2005)

Artesãs do Tumucumaque

O PROJETO

Este projeto visa incentivar a melhoria das condições de transmissão, produção e reprodução dos conhecimentos envolvidos na arte da tecelagem com sementes e miçangas das mulheres Tiriyo e Kaxuyana.



Iniciado em setembro de 2006, foram realizadas quatro oficinas nas aldeias Missão Tiriyo, Pedra da Onça, Santo Antônio e Cuxaré, no Parque Indígena de Tumucumaque e uma oficina, na cidade de Macapá.

Ao todo, cerca de 150 mulheres, de 12 a 80 anos, participaram das oficinas. Foram seis meses de discussão e trabalhos que resultaram na produção de um acervo de histórias, desenhos e fotos para a produção de materiais que permitam uma maior socialização interna dos saberes e técnicas envolvidos nessa arte, bem como sua divulgação para o público externo.



Isso nunca aconteceu antes e essa é a primeira vez. Todo mundo está gostando. Quando eu era mais nova, o papai acordava e falava para a gente: aprende, faz, trabalha, um dia você vai precisar. Mas eu tava perdendo tudo isso. Agora eu acordei. É como se eu estivesse dormindo. Por isso eu gostei desse trabalho. Espero que a gente continue. (Korú Tiriyo - durante a oficina realizada na Missão Tiriyo, set. 2006)

